

Dossiê: Jovens antropólogos, (homo)sexualidades e expressões de gênero

Dossiê: Jovens antropólogos, (homo)sexualidades e expressões de gênero

Dossiê: Jovens antropólogos, (homo)sexualidades e expressões de gênero

Milton Ribeiro da Silva Filho
Denise Machado Cardoso

A Antropologia, como disciplina científica e como prática, sempre esteve interessada no estudo da diferença, da diversidade cultural. Desde o início, ela é atravessada pela dimensão do choque cultural e das desigualdades geradas por ele. Essa constatação vem da premissa de que todo fazer científico pode criar processos de desigualdades quando mediados por relações de forças verticalizadas. E assim foi no início da Antropologia, quando esta, mediada pelo colonialismo e pelo imperialismo construiu uma visão dos “nativos” (ou para ser mais atual, dos “interlocutores”) como sujeitos diferentes, estranhos, atrasados, portanto, desiguais. O processo reflexivo que se dá posteriormente no interior desta disciplina permite entender o quão complexos são os grupos sociais, ou de que forma eles interagem, representam e experimentam suas práticas culturais especificamente no dinâmico contato entre realidades e propostas distintas.

Milton Ribeiro da Silva Filho é Doutorando em Ciências Sociais/Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará; Mestre em Ciências Sociais/Antropologia e Graduado em Ciências Sociais/Ciência Política (UFPA). Militante do Grupo Orquídeas. Pesquisador do Grupo NOSMULHERES e do Grupo de Estudos sobre Crianças, Infâncias e Juventudes. Colaborador do Pet/GT/CS. Membro do Grupo de Estudos sobre Mercados Populares.. E-mail: [millor_ufpa@hotmail.com](mailto:millor.ufpa@hotmail.com)

Denise Machado Cardoso é Doutora em Desenvolvimento Socioambiental pelo Programa de Pós-Graduação do Trópico Úmido (PDTU/ NAEA/UFPA). Realizou estágio doutoral na Universidade do Algarve/Portugal. Atua como pesquisadora do Laboratório de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e como membro do Comitê de Ética em Pesquisa, ambos da UFPA. É coordenadora do Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem (Visagem), membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Eneida de Moraes sobre Mulher e Gênero(GEPEM), Vice-Coordenadora do Grupo de Pesquisa NOSMULHERES e Consultora Ad Hoc no Programa Pró-Equidade de Gênero da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. denise@ufpa.br

Na questão de gênero, a Antropologia conta com um arsenal interessante, que já nasce nas escolas clássicas, como a culturalista norte-americana, via Margareth Mead, aluna de Franz Boas, que marca a diferença entre a cultura ocidental e a oriental ao examinar as formas de comportamento e socialização de crianças e adolescentes, em Samoa, considerando as “diferenças sexuais” ou, no seu estudo mais conhecido, observar padrões de “temperamento” com base em posturas tribais construídas socialmente e que diferenciariam (ou não) homens e mulheres. Neste caso, marcando a diferença no sistema “sexo/gênero” – pensado posteriormente por autoras feministas como Donna Haraway.

Neste contexto, a perspectiva construcionista, influenciada pela leitura de Simone de Beauvoir sobre o tornar-se mulher, acabou dominando o campo de estudos, pois a dimensão cultural foi/é tida como uma das principais explicações antropológicas para a diferença e a desigualdade construídas entre homens e mulheres estabelecidas segundo padrões culturais específicos, como no caso da sociedade brasileira.

O fazer antropológico e seu principal método, a etnografia, contribuíram para estabelecer um paradigma nos estudos de gênero – nomeados assim na década de 1970 –, pois foi a partir dele que as experiências puderam ser visibilizadas e evidenciadas. Ou seja, de que maneira as pessoas vivem como mulheres e homens, de que forma esse *tropos* é disseminado, como se aprende a ser “homem” e “mulher”. Alcançando, portanto, um nível de relativismo cultural ainda não experimentado por autores clássicos, como as próprias Margareth Mead e Ruth Benedict, mencionadas acima, mas também Bronislaw Malinowski, que estudará as questões sobre a sexualidade, por exemplo, através da *vida sexual dos selvagens*. Porém, é importante salientar que a centralidade da discussão neste autor não é a identidade sociosexual dos nativos, mas os sistemas de regras que compunham o parentesco e o casamento, ou os tabus relacionados a essas estruturas.

No caso brasileiro, os estudos de gênero e sexualidade na Antropologia, começam a ser conformados ainda nos primeiros anos do

ensino formal de Ciências Sociais no país (década de 1930), mas ainda voltados à questão das mulheres – centralidade que irá marcar a diferença, posteriormente construída, sobre os estudos de mulheres e os estudos de gênero (notando-se, por exemplo, a ausência de estudos sobre homens e masculinidades). Depois desenvolve-se e acaba se conformando como um campo autônomo de estudos, inclusive, sendo articulado como reflexão nas três áreas das Ciências Sociais: Sociologia, Antropologia e Ciência Política.

No que tange às dimensões das sexualidades, e principalmente das homossexualidades, pesquisas realizadas ainda na década de 1950 no Brasil e depois com mais ênfase a partir de 1970, evidenciam as diversas formas de sociabilidades criadas por homens e mulheres homossexuais, tangenciando relações de classe, lugar de origem e grupo de *status*. A partir dos anos 1980 e 1990 há uma intensificação de estudos sobre as homossexualidades. Porém, os diálogos acentuarão as dinâmicas citadinas urbanas e a maneira como essas experiências homossexuais podem ser consideradas a partir de diversos eixos de diferenciação, como gênero, classe, cor/raça, geração, lugar de origem, em detrimento de uma análise nas sociedade de pequena escala ou no âmbito rural, por exemplo.

Com a ideia de apresentar o debate atual dos estudos de/sobre (homo)sexualidades e expressões de gênero este dossiê escalou um time de jovens pesquisadores que estão em articuladxs no que chamamos de “quinta geração de pesquisadores de/sobre sexualidades”. Numa breve genealogia, os pioneiros são relacionados às décadas de 1960 e 1970, quando estes estudos alçaram outros patamares na Antropologia Brasileira; sem, no entanto, esquecer o pioneirismo de José Fábio Barbosa da Silva, que escreve ainda na década de 1950 o primeiro estudo sociológico sobre a temática. Na década seguinte, se formam os pesquisadores da segunda geração – a partir de 1980. Na década de 1990 aparecem os pesquisadores da terceira geração. E nos anos 2000 se formam os pesquisadores da quarta geração. A partir de 2010, surge uma nova geração, (auto)denominada de quinta, que está em fase de formação acadêmica ainda. Esta última geração

é marcada por uma articulação nacional, de norte a sul, literalmente; ainda não vista nas gerações anteriores, quando o eixo era articulado a partir do sul-sudeste e que se estendia até o nordeste, com algumas exceções. No entanto, estes encontram-se articulados às gerações anteriores, da pioneira à quarta geração, que se doutorou na década passada, seja na condição de orientandos destes ou a partir das redes de pesquisadores que se articulam nos encontros científicos no Brasil ou fora dele.

Assim, este dossiê comporta temas que se assemelham, mas que se distanciam entre si em razão do recorte do objeto e da proposta metodológica. Embora, quase todos utilizem a etnografia como empreendimento principal nas buscas por representações sociais sobre as expressões de gênero e (homo)sexualidades. Os temas são os mais diversos, como foi proposto na chamada. E assim apareceram artigos que se debruçam sobre a produção de sujeitos, do discurso, de moralidades por meio de eixos de diferenciação como gênero, cor/raça, classe, lugar de origem, geração, idade, nacionalidade dentre outros e ainda pelas vias dos desejos, afetos, direitos, parentescos, políticas, artes e festas.

E, então, temos produções novas, de recém-mestres e doutorandos, mas que já contam com larga experiência acadêmica: fazendo pesquisa, em universidades federais (como UFPA, USP, UFRJ, Unicamp, UFRGS), nos programas de pós-graduação na área das Ciências Sociais (como PPGSA – do Pará e do Rio de Janeiro –, PPGAS – de São Paulo e do Rio Grande do Sul –, PDCS – de Campinas); e/ou produzindo trabalhos para os eventos acadêmico-científicos; e/ou organizando grupos de trabalho e fóruns nestes mesmos eventos; e/ou ensinando Ciências Sociais em instituições públicas e privadas; e/ou fazendo militância acadêmica nos congressos, nas ruas, nas universidades, na internet, nos espaços de discussão governamentais ou não, nos movimentos sociais.

O artigo que abre o dossiê é o de Gustavo Saggese e sua contribuição para a temática da geração, tendo como interlocutores

“homens de meia-idade”, aliada às discussões sobre homossexualidades masculinas. O campo é São Paulo e o problema se dá em torno das transformações sociais na sociedade brasileira acontecidas nos últimos trinta anos. A investigação e suas reflexões surgem em torno, por exemplo, das dinâmicas estabelecidas com os “mais novos”. O segundo texto é de Marcio Zamboni que analisa a trajetória de uma mulher gay das camadas altas paulistas. As conclusões do autor surgem das relações estabelecidas por essa mulher no âmbito do trabalho e dos relacionamentos afetivos e sexuais que ajudam a entender as escolhas, os projetos e as realizações desta geração de mulheres. O terceiro e o quarto artigos, de autoria de Ramon Reis e de Glauco Ferreira, discutem as relações entre “centro” e “periferia” com base em experiências etnográficas distintas. O primeiro se detendo sobre os fluxos e contra-fluxos de homossexuais na cidade de São Paulo, com o objetivo de entender as circulações desses sujeitos no “centro antigo” da cidade e nas zonas marginais da capital paulista. E o segundo apresenta dois coletivos de artistas *queer* – o *Queer Women Of Color Media Arts Project* (QWOCMAP), sediado nos EUA, e o *Mujeres Al Borde*, da Colômbia – na tentativa de compreender as relações entre arte e ativismo político, assim como discutir as relações “centro/periferia”, com base na referência sobre a produção audiovisual no norte e sul globais. No quinto artigo, temos Thiago Soliva, que etnografou a Turma OK, do Rio de Janeiro: coletivo de homens homossexuais fundado em 1961. Os objetivos do autor estavam relacionados aos processos de proteção e solidariedade estabelecidos entre os membros do grupo, principalmente, com a construção do sentido de “família” criado por eles. O sexto artigo traz a reflexão de Gibran Teixeira sobre os sentidos atribuídos aos homens homossexuais negros em ambientes virtuais. Este autor percebeu as formas de rejeição e objetificação, assim como a conformação de estereótipos de raça e masculinidades, atribuídas a estes homens; numa releitura da dinâmica que envolve os corpos negros como potências sexuais. No sétimo artigo, apresentamos Bruno Puccineli e sua análise sobre os usos da noção de “gueto gay”. Este critica as formas como esse termo tem sido incorporado por outros autores, quase sempre numa perspectiva de naturalizar a categoria em seus aspectos descritivos. O oitavo texto traz

a contribuição de Milton Ribeiro sobre a Festa da Chiquita, como lugar de desordem e “do babado” durante o Círio de Nazaré, em Belém-PA. A ideia é mostrar um panorama mais geral da festa e seu mito de origem e apresentar o resultado de um primeiro encontro etnográfico com este objeto de pesquisa. Para o nono artigo, trouxemos Guilherme Passamani para apresentar as reflexões sobre transexualidade masculina com base no cinema, analisando o filme *Meninos não choram* (1999). O autor está interessado em estabelecer as conexões entre cinema e sexualidade e a construção social do desejo da personagem Brandon Teena.

Mediante essa miríade de temas, trajetórias e experiências, é possível articular todos os textos em torno de um objetivo comum: refletir sobre a construção de sujeitos socialmente invisibilizados, sujeitos dissidentes. Seja à conta de sua sexualidade e/ou expressão de gênero, mas que reivindica, grita, luta, confronta e articular outras formas de existência. Sujeitos que estão vivendo suas vidas articulando o sistema de opressão e formas de agenciamento do cotidiano. Respondendo com dúvidas e dubiedades os questionamentos de uma sociedade heterossexualmente centrada.